

MONUMENTOS NACIONAES ANTIGOS

I

Igreja de Santa Maria d'AguaS Santas

Hoje em mosteiros, em igrejas, em cathedraes teriamos inestimaveis monumentos, se n'esta terra tivesse havido um vislumbre de gosto puro.
Sr. ALEXANDRE HERCULANO, DO VOL. 2.º do Panorama; pag. 268.

Verdadeira, e algum tanto a proposito vem a epigraphe. Em Portugal, e principalmente nas provincias do norte, em geral, são os nossos templos anteriores ou pouco posteriores á fundação da monarchia. Mas, a não o dizer a historia, quem seria capaz de o reconhecer pela sua actual architectura? Quem não lamentará a maneira pouco delicada com que desagradecidos temos adulterado as obras de nossos maiores? Mas passemos ao assumpto, porque nossas queixas nada podem já remediar, e vamos dizer algumas palavras a respeito da antiquissima igreja de Santa Maria d'AguaS Santas, da igreja digo, porque do mosteiro nem ruinas já existem.

A mui pouca distancia da cidade do Porto encontram-se tres igrejas notaveis principalmente pela sua antiguidade — Leça do Balio, Santa Maria d'AguaS Santas, e S. Verissimo de Paranhos. Esta ultima, tirada sua muita antiguidade, nada tem que na actualidade a torne notavel, senão o ser muito frequentada por occasião de suas procissões. (1) Leça do Balio é monumento sumptuoso, e de recordações historicas. (2) A igreja d'AguaS Santas, no Concelho da Maia, não tendo sumptuosidades de edificio, é com tudo mais rica em recordações historicas, que a de Paranhos, e d'ellas vamos fazer resumida menção, em harmonia com os limites concedidos pelo Panorama.

Sahindo do Largo da Agua Ardente; na cidade do Porto, mettendo-nos em a extensa rua do Costa Cabral, entramos no fim d'esta na Estrada da Travagem. A meia legua aproximadamente do principio d'esta estrada, de frente da casa conhecida vulgarmente pelo nome do *Brazileiro*, (3) ha um comprido atalho, que nos leva á Igreja d'AguaS Santas, nome que parece derivar-se d'uma fonte proxima do templo, da qual tambem o Mosteiro bebia. (4) A proximidade do templo é assignalada por algumas cruces de pedra, e pela capella de S. Miguel o Anjo, a qual exteriormente mostra antiguidade. A poucos passos d'aqui vamos entrar n'um pequeno largo, do qual enxergamos extensos campos, quintas, e as alvas paredes da igreja de S. Thiago de Milheirós.

(1) A procissão de Passos em Paranhos é a mais concorrida das que se fazem nos arrabaldes do Porto. Va de passagem—as procissões no Porto e seus arredores são em tudo muito superiores as de Lisboa e seus contornos.

(2) Ha uma boa descripção d'esta igreja feita pelo seu abbade Antonio do Carmo Velho de Barbosa. O interior da torre d'este templo, donde se descobrem extensos horizontes, acha-se n'um estado tal, que é um verdadeiro precipicio para quem a subir. No largo d'esta igreja ainda em janeiro se representam os autos do Nascimento, fazendo recordar a infancia do theatro. O mesmo se faz em S. Salvador de Moreira, e em outras igrejas.

(3) Nas provincias do norte dá-se em geral o nome de *Brazileiro* a um homem, que esteve no Brazil, embora seja Portuguez.

(4) Não averigui, se esta fonte ainda existia, quando visitei a igreja em 1863.

A frente da igreja de Santa Maria d'AguaS Santas, pelo esguio da porta, antiga torre de sinos ao lado, e carcomido do seu granito, mostra veneranda ancianidade.

No lado do norte ha uma pequena porta, que leva á Sacristia, e a poucos passos encontra-se a porta travesa da igreja, e dois sarcophagos antigos.

Do lado do Sul ha tambem seis sarcophagos, ou antes caixões de pedra, dos quaes os tres primeiros e o quinto não têm inscripção alguma; do quarto apenas se podem perceber palavras, que designam estar ali enterrado um certo Manoel, da casa da Maia, e as do sexto estão já inintelligiveis por se acharem a maior parte das palavras inteiramente apagadas.

Nada offerece de notavel o interior da igreja alem dos vestigios de sua muita antiguidade. É templo pequeno, mas de duas naveS, o que não é vulgar em Portugal, tendo cinco capellas, e dois pequenos altares no cruzeiro.

No tempo, em que Luiz CárdoSo (5) escrevia o seu Diccionario geographico, era esta igreja Commenda da Religião de S. João Baptista de Malta, e o parochio Vigario perpetuo apresentado pelo Commendador, e collado pelo Vigario Geral da mesma Ordem, e tinha quatro beneficios simples, cada um com sua casa de residencia, e pertencendo a todos em commum a terça parte dos dizimos e renda da igreja, e as outras duas partes ao Commendador, para quem a commenda rendia tres mil cruzados.

É antiquissima a fundação d'esta igreja, A existencia d'ella no tempo de D. Thereza é authenticamente confirmada pelo livro da demanda do Bispo D. Pedro (6), onde se encontra uma carta regia pela qual a Rainha D. Thereza dá ao Bispo D. Hugo e successores da Sé qualquer herdade, que AguaS Santas tivesse até esta data na nova demarcação do Couto do Porto. Era 1158, dia da Paschoa, em Abril, isto é, aos 14 das calendas de Maio, anno 1120 (7). Tambem d'ella nos faz menção Viterbo (8) como existindo com moradores em

1120, por ser uma das expressamente nomeadas (*De aquis Sanctis*) na Bulla de Calixto II, ás quaes se manda, que obedegam e paguem direitos á Cathedral do Porto conforme se vê no Censual d'esta Sé (9).

Em 1130 havia n'este Mosteiro conegos com seu Prior, como se vê pelo contrato feito n'este anno, e do qual nos dá noticia D. Rodrigo da Cunha, (10) entre D. Hugo, bispo do Porto, e o prior e clerigos de Santa Maria d'AguaS Santas, no qual este bispo cede do direito, que tinha, de receber annualmente um jantar do referido Mosteiro, recebendo em compensação toda a terra, que o Mosteiro possuia na villa de Paramos, assim em reguengo, como em ganancia, e seis bragaes em cada anno.

A respeito d'esta igreja e Mosteiro existem ainda no cartorio da camara municipal do Porto os seguintes documentos.

(5) Diccionario geographico de Portugal, vol. 1.º pag. 85.

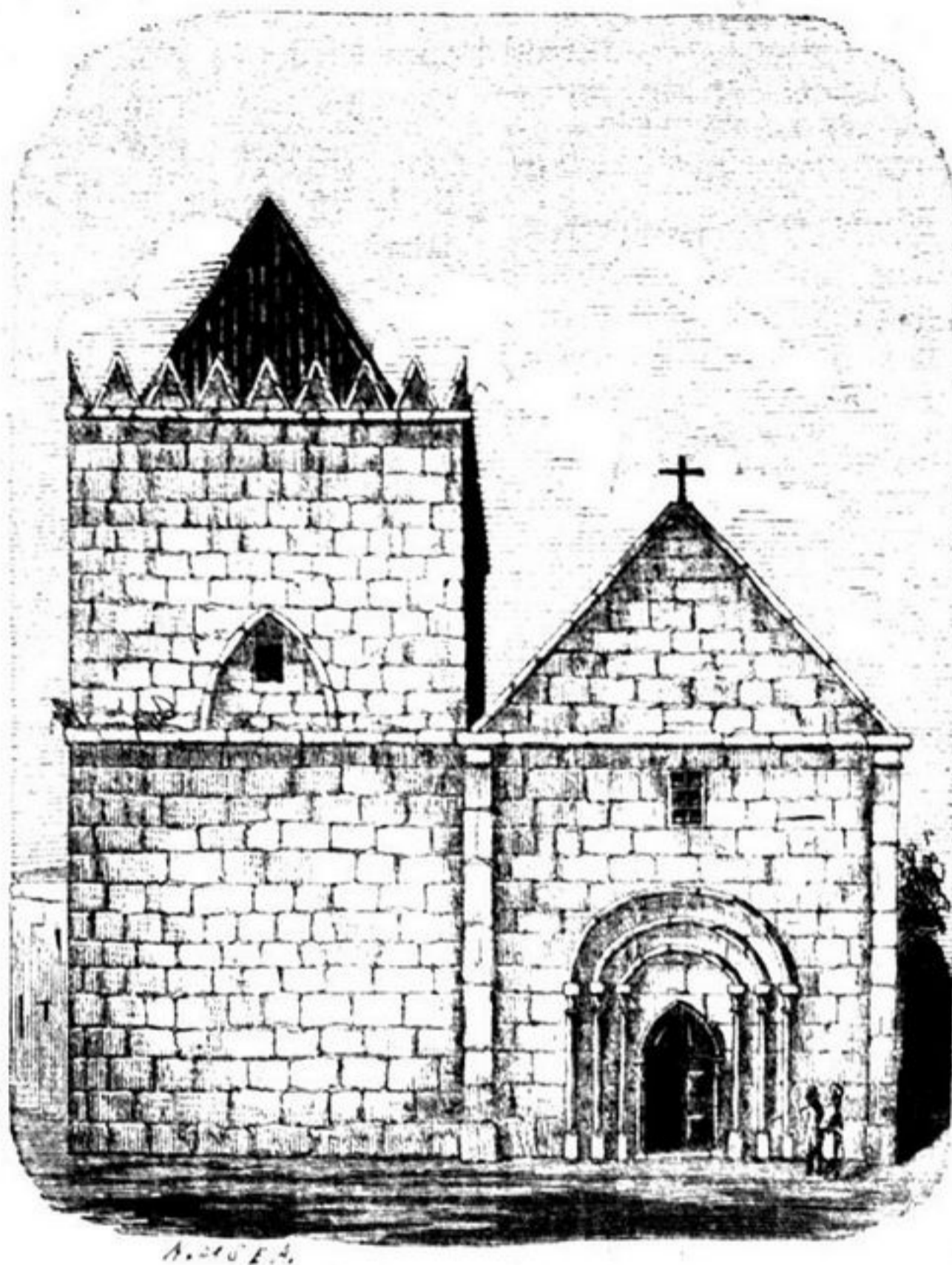
(6) É uma obra inedita das mais preciosas e authenticas para a historia dos primeiros tempos da nossa monarchia. Existe muito bem conservada no Cartorio da Camara Municipal do Porto.

(7) Livro da Demanda do bispo D. Pedro, pag. 36. É um vol. em fol. maximo.

(8) Elucidario pag. 314 do vol. 2.º da 1.ª edição.

(9) J. Pedro Ribeiro. Dissertações vol. 5.º pag. 7.

(10) Catalogo dos bispos do Porto, part. 2.ª, pag. 13.



1.ª Inquirição porque se julgou ser do padroado real a igreja, e que o lugar de Paramos abrangia 16 casaes, sendo um de herdade, foreiro ao Hospital, que era privilegiado; os outros pertenciam a militares e a ordens, d'elles se pagava ao rei o terço da colheita, não havendo reguengo algum; era couto, e demarcava, a saber, principian-do em fonte de D. Froie, por fim do monte Arroio desce a prega dos Campos, daqui a pedra do Palacio do Fundo, depois pelo fim do Vallo de Vergal ás Lagens de Soutello, e das Pedras do Voal, e a pedra do Covello, depois as pedras Medianas, d'aqui a Pedras de Barreiro, d'aqui a Val Mão, vai a foz do Avenzo, por agua do Avenzo até Ossos, daqui a fim do Comaro, depois a Pedras Covas, e a Cova, d'aqui a Miranci, a fonte de D. Froie a onde principiamos. De 16 Maio. Era 1296 (11).

2.ª Inquirição porque se julgou que o lugar de Pedros na dita freguezia (Aguas Santas) abrangia, 19 casaes, todos pertencentes á igreja da freguezia, não se pagando d'elles nada ao rei, nem no mesmo lugar havia reguengo algum. Que o lugar de Sangimir abrangia 11 casaes tam-bem da mesma igreja (12). De 16 Maio. Era 1296.

3.ª Inquirição porque se julgou que o lugar de Ardegães na dita freguezia abrangia 20 casaes, pertencentes 11 ao Hospital, 8 a herdaes, e um á igreja d'essa freguezia, não havendo no lugar reguengo algum, nem el-rei n'elle tinha cousa alguma (13).

4.ª Inquirição porque se julgou que o lugar de Revor-daos da mesma freguezia abrange mais casaes, todos da igreja, porem que cada casal tinha sua leira do Couto, no termo do Castello da Maia, e d'essas leiras tinha el-rei a terça parte dos frutos. Que no castello da Maia havia quatro casaes, e d'elles tem el-rei a terça parte dos fru-tos, e cada casal paga alem disso 1 frango, 1 cordeiro e dez ovos, etc. De Maio. Era 1296 (14).

5.ª Inquirição julgando-se que a dita igreja possuia no Lugar de Tras Leça, Freguezia de S. Vicente de Queima-della no sobredito julgado 2 casaes, que obtivera por tes-tamento, nos quaes el-rei não tinha cousa alguma. De 16 Maio. Era 1296 (15).

6.ª Inquirição julgando-se possuir o mosteiro 1 casal no Lugar da Cruz, que obteve dos Gufaros, mais 3 ca-saes no Lugar de Agua Longa, que comprou, tudo na freguezia de S. Julião, julgado de Refoios. Era 1296 (16).

7.ª Inquirição julgando possuir alguns casaes na freguezia do Salvador de Penamaior, julgado de Refoios, na qual não havia reguengo. De 16 Maio. Era 1296 (17).

8.ª Inquirição que mandou ficasse, como estava, com-posta de 2 coutos e 1 honra, a saber Aguas Santas, couto, Parada, couto, Ardegães, honra: que não havia na freguezia Juiz, pois que quando precisavão, vão a Maia. De 2 Outubro. Era 1345 (18).

9. Sentença porque se julgou pertencer a el-rei e a suas justicas da Maia a jurisdicção civil e criminal, e não ao prior do convento do dito Couto. De 26 d'Agosto. Era 1377 (19).

10.ª Inquirição declarando-se que os lavradores que tra-zião terras do Convento pagavão de lavradio o terço e o quarto e do sorteado de novo o quinto da colheita; e tam-bem a geira. Que este convento demarcava por marcos, e começando na agua do Rio Leça vai a Ponto Ca-vallar, nome que tem uma pedra, que ahi está entre o dito convento e Ardegães, d'aqui vai a outra pedra que está entre S. Lourenço e Recandaos, e d'ahi outra pedra, que está entre o dito convento e as herdades do rei no castello da Maia, d'ahi a pedra de Granja, que parte com Rio Tinto, d'ahi por S. Romão, e vai aos Mormoiraes, com quem parte o Hospital e Aguas Santas a deveza da Rainha (20).

(11) Livro grande da camara municipal do Porto, fol. 96. Deveria tam-bem ser publicado, quanto antes.

(12) Idem fol. 96.

(13) Idem idem.

(14) Livro grande fol. 97.

(15) Idem fol. 100.

(16) Idem fol. 107.

(17) Idem fol. 109.

(18) Idem fol. 60.

(19) Idem fol. 25.

(20) Idem fol. 145.

11.ª Inquirição porque se julgou devassos e não hon-ras os lugares que pagavão direitos ao Hospital, a saber Villa Nova, Alpedrados, e Carcavellos, todos na fregue-zia de S. Thomé no julgado de Refoios de Riba Ave, e que ficasse n'elles d'ahi por diante entrando o cobrador d'el-rei. De 2 d'Outubro. Era 1345 (21).

Eis quanto me occorre actualmente a respeito d'Aguas Santas.

É notorio que nas provincias do norte de Portugal quasi cada freguezia tem seu vestuario proprio, e algum bem engraçado. Os homens d'Aguas Santas nos dias festivos costumam andar embuçados em grandes capotes, que lhes tocam os pés, trazendo na cabeça chapéos redondos com abas d'um tamanho extraordinario.

MANOEL BERNARDES BRANCO.

O CONDE ALLAMISTAKEO

Passado este primeiro espanto, resolvemos ten-lar uma nova experiencia. Dirigimos então as nos-sas operações contra o dedo grande do pé direito. Fizemos uma segunda incisão na parte inferior do *sesamoideum pollicis pedis*, e chegámos d'este modo ao ponto onde nasce o musculo *abductor*. Ajustando a bateria, applicámos novamente o fluido aos musculos descobertos, quando, com um mo-vimento mais vivo do que a propria vida, a mu-mia levanta o joelho direito, como que para aproximal-o o mais possivel do abdomen, e lo-go, sacudindo a perna com uma força inconce-bível, mimosea o doutor Alexandre com um pon-tapé, que teve por effeito mandar este cavalheiro, qual projectil d'uma catapulta, por uma janella que se achava aberta, medir a altura do andar á rua.

Corremos logo todos, como loucos, para trazer-mos os restos mutilados do infeliz; mas tivemos a satisfação de o encontrarmos já na escada, su-bindo apressadamente, fazendo as suas reflexões philosophicas, e, mais do que até então, resolvido a proseguir nas experiencias com zelo e rigor.

Foi, pois, por seu conselho que fizemos em se-seguida uma profunda incisão na ponta do na-riz do tal Allamistakeo; e o doutor lançando-se a elle, immediatamente o poz em contacto com o fio metalico.

Moral e phisicamente, methaphorica e litteral-mente, o effeito foi electrico. Primeiro, o cada-ver abriu os olhos e piscou-os com extrema rapi-dez durante alguns minutos, como o actor Isido-ro em quanto andou pelos theatros de segunda or-dem; depois, espirrou; espriguiçou-se; esfregou as mãos e fez um movimento, que se o dou-tor Alexandre não foge precipitadamente, apanha-va um formidavel sóco; o que, na verdade, não era muito peitoral em cima de um pontapé; em fim, voltando-se para o padre Gilberto e barão de Sousa, dirigio-lhes no mais puro egypcio, de que não percebi patavina, o seguinte discurso:

«— Devo confessar-vos, meus cavalheiros, que estou tão surpreso, quanto desagradado do vosso procedimento para comigo. Do doutor Alexandre não podia esperar outra coisa; é um pobre tolo que apenas sabe jogar as carambolas e mais não disse. Tenho dó d'elle, perdoe-lhe. Mas o senhor

(21) Idem fol. 56.

padre Gilberto e V. Sr.^a, senhor barão de Sousa! (aqui o barão mostrou-se um tanto offendido no seu amor proprio) que tem viajado e residido no Egypto, a ponto que muitos o tomarão como natural das nossas terras — V. S.^a, (o barão de um pulo) digo, que viveu tanto tempo entre nós, que falla o egypcio tão correctamente, como, estou convencido, escreve a sua lingua materna, (o barão fez uma careta) — V. S.^a, (outro pulo) a quem eu me tinha acostumado a olhar como o amigo mais desinteressado das mumias, — com franqueza, esperava da sua parte mais alguma delicadeza do que a que me têm dispensado. ¿O que hei de eu pensar d'essa sua impassivel neutralidade, quando sou tratado tão brutalmente? ¿O que hei de eu suppor, quando V. S.^a (outro pulo) consente a Pedro e a Paulo que me tirem d'onde eu estava tão tranquillo e me despojem da minha vestimenta n'este terrivel clima de gelo? ¿Como hei de considerar, finalmente, o facto de V. S.^a (outro pulo) ajudar e animar esse miseravel parlapatão, o doutor Alexandre, a puxar-me pelo nariz?»

O leitor julgará, sem duvida, que, ouvindo nós um discurso d'estes em taes circumstancias corremos espavoridos para a porta, ou caímos em violentos ataques de nervos, ou ficámos olhando uns para outros boquiabertos, sem podermos pronunciar uma palavra. Qualquer d'estas tres cousas, effectivamente, podia muito bem acontecer; porque, na verdade, eram as mais legitimas. E, sob palavra de honra, não posso comprehender o motivo que nos levou a não seguirmos alguma d'ellas. Talvez que a razão esteja no espirito d'este seculo, que procede inteiramente pela lei das contrarias, considerada hoje como solução de todas as antinomias e fusão de todas as contradictorias. Ou, pôde ser, enfim, que concorresse para isso o modo excessivamente natural e familiar da mumia, que tirava ás suas palavras todo o poder terrifico. Fosse o que fosse, os factos são positivos; nenhum membro da sociedade se mostrou assustado, nem tão pouco pareceu acreditar que se tinha passado alguma cousa irregular, extraordinaria.

Pela minha parte, estava convencido de que tudo era muito natural, e o que fiz unicamente, foi procurar uma posição fóra do alcance da mão do amigo egypcio. O doutor, que já se conservava a respeitosa distancia, mettu as mãos nas algibeiras das calças, olhou para a mumia de certa maneira exquisita, e fez-se encarnado como um rabano. O padre Gilberto, attentando em uns e outros, ora puxava o collarinho, ora se esticava e puxava o collete. O barão de Sousa, esse, abaixou a cabeça e mettu o pollegar da mão direita no canto esquerdo da bôca.

O egypcio olhou-o com severa physionomia durante alguns minutos e por fim disse-lhe em ar de chacota:

— Porque não falla, senhor barão de Sousa? Ouvio, ou não, o que eu ha pouco disse? Ora, por quem é, tire o dedo da bôca; isso parece-me de criança!

O barão estremeceu; tirou o pollegar direito do

canto esquerdo da bôca, e em compensação mettu o pollegar esquerdo no canto direito da sobredita.

Não podendo obter uma resposta do barão, a mumia voltou-se para o padre Gilberto e pedio-lhe peremptoriamente lhe dissesse o que nós queriamos.

O padre respondeu immediatamente em *phonetic*; e se não fosse a ausencia completa de caracteres *hieroglyphicos* nas nossas *typographies*, teria o prazer inexplicavel de transcrever integralmente e na lingua original o seu excellent *speech*.

Aproveito esta occasião para observar ao leitor que toda a conversação subsequente, em que tomou parte a mumia, teve lugar em egypcio primitivo, servindo de interpretes para mim e para os de mais da sociedade, que não tinham viajado, o padre Gilberto e o barão de Sousa. Estes cavalheiros, ao que parecia, fallavam a lingua materna da mumia com uma graça e uma abundancia inimitaveis; mas não pude deixar de notar que os dois viajantes, — sem duvida, por causa da introdução de imagens inteiramente modernas e, naturalmente, novas para o estrangeiro, — eram algumas vezes obrigados a empregar fórmulas sensiveis para traduzirem o sentido das palavras. Houve um momento, por exemplo, em que o padre Gilberto não podendo fazer comprehender ao egypcio a palavra — *Politica* — teve a feliz idéa de desenhar na parede, com um bocado de carvão, um homem muito baixo e muito magro, com o rosto picado de bexigas e um nariz de descommunal tamanho, collocado sobre um pedestal, perna esquerda à reclangarda, mão direita estendida para diante, punho fechado, olhos esgazeados levantados para o céu, bôca aberta formando um angulo de 90 grãos; e de roda do pedestal muitas carinbas, em algumas das quaes se notava o descontentamento, em outras a admiração, o espanto, e em outras, finalmente, grande alegria e enthusiasmo.

O mesmo aconteceu ao barão de Sousa, que já-mais conseguiria traduzir-lhe com fidelidade a palavra moderna *Philantropia*, se lhe não occorresse o desenhar igualmente na parede um homem gordo, bem vestido, que denominou Paulo, rodeado de muita gente, que pelo trajo parecia pobre, e a quem fazia menção de dar alguma coisa; e ao lado uma especie de jornal no qual traçou em caracteres hieroglyphicos as seguintes palavras: — *O philantropico Paulo continúa praticando os seus costumados actos de beneficencia e de caridade evangelica*.

O discurso do padre Gilberto, como era natural, versou principalmente sobre as immensas vantagens que a sciencia podia tirar do desenfaimento e do exame das mumias; meio subtil de justificar-nos de todos os desarranjos que lhe haviamos causado, a ella em particular, mumia chamada Allamistakeo; e concluiu insinuando — porque não foi mais do que uma insinuação, — que uma vez esclarecidas todas as pequenas questões, era tempo de começar o projectado exame. Aqui.

o doutor Alexandre preparava os seus instrumentos.

Relativamente ás ultimas suggestões do orador, parece que Allamistakeo tinha certos escrúpulos de consciencia, sobre a natureza dos quaes não fui claramente informado; mas, mostrou-se satisfeito com a nossa justificação e, descendo da meza, em todos deu tocarollas e abraços mui apertados.

Terminada esta cerimonia, occupamo-nos immediatamente de reparar os damnos que o escalpello lhe tinha causado. Curamos-lhe a ferida que tinha na fonte, ligamos-lhe o pé, e applicamos-lhe um parche de seda preta sobre a ponta do nariz.

Notámos então que o conde — tal é, ao que parece, o titulo de Allamistakeo, — sentia alguns arripios — por causa do clima, sem duvida alguma. O doutor dirigio-se logo ao seu guarda-roupa, e trouxe um casaco preto, uma calça de casimira côr de flôr de alecrim, um collete de velludo azul, um raglan, uma camisa, umas ceroulas, um par de meias de linha e outro de lã, um par de botas do Sttelpflug, uma bengala de cana da India, um chapéu alto, luvas de casimira, uma luneta azul, um par de polainas, uma gravata e um collarinho. A differença de estatura entre o conde e o doutor, — a proporção sendo como dous para um, — deu causa a termos tido não pouco trabalho para ajustarmos o fato ao corpo do egypcio; mas terminada a tarefa, não se pode dizer que ficou mal. O padre Gilberto deu-lhe o braço, e conduzio-o para um sophá junto do fogão; e o doutor mandou vir charutos e vinho.

A conversação logo tomou calor. Escusado é dizer, que todos mostravamos grande curiosidade relativamente ao facto um pouco singular da resurreição de Allamistakeo.

— Confesso-lhe conde, disse o barão de Sousa, que o julgava morto ha muito tempo.

— Como! replicou o conde muito espantado; não posso ter mais de setecentos annos! Meu pai viveu mil, e morreu em seu perfeito juizo!

(Continua.)

ABORIGENES DA AUSTRALIA

Este immenso continente, para onde agora se dirige de preferencia a corrente da emigração européa, está destinado a desempenhar um grande papel na historia da civilisação futura. Descoberto em 1606 por um navio hollandez o *Duythen*, que partira de Amboine, recebeu primeiro o nome de Nova-Hollanda. Principiavam então os nomes d'esses audazes republicanos, e das terras da sua patria a substituir nas cartas geographicas as denominações portuguezas. Os valentes hollandezes (prestemos-lhes essa justiça) não tinham conquistado a nossa herança a beneficio de inventario, tinham-n'a acceitado com todos os seus encargos, e tinham-se proposto a substituir-nos não só nos proventos que auferiamos das nossas conquistas indianas, mas tambem no desempenho da missão que tinhamos tomado de descobrir novas terras, e de alargar a cada passo o campo da geographia.

Apenas tinham assentado o seu dominio nas Indias Orientaes, apenas se tinham visto de posse

das Molucas, apenas nos tinham arrancado dos hombros a purpura imperial, matizada com essas perolas do mar indico, pensaram logo os Hollandezes em sulcar as ondas quasi virgens do mar do sul. Já o nosso Magalhães na sua famosa viagem de circumnavegação dera uma vaga idéa dos numerosos archipelagos que povóam esses longinquos mares. Depois de descobrirem a Nova Guiné pensaram os nossos successores em proseguir o novo rumo das descobertas. Em 1606, como dissemos, aportavam ao continente australiano.

Pouco depois um acaso conduzio a essas paragens o navegador hespanhol Torres. Mas, por um estranho descuido, as suas participações e os seus relatorios ácerca d'essa navegação ficaram sepultados nos archivos das Philippinas d'onde saíram apenas, graças aos Inglezes, quando estes conquistaram Manilha em 1762. Foi então que se prestou homenagem á sua memoria, dando-se o seu nome ao estreito de Torres!

Entretanto os Hollandezes haviam continuado as suas descobertas. Em 1616 o acaso e a força das correntes n'estes mares levaram á costa occidental da Australia o navio *Eendracht*, em 1619 o navegador Edel, e pouco depois Witt; por isso a costa occidental recebeu o nome de terras de Witt, de Edel, e de *Eendracht*. Em 1622 o navio *Lecuwijn* divisou a ponta do sudoeste, que recebeu o nome d'esse baixel. Em 1623, dois navios, o *Pera* e o *Amboine* foram de proposito com a missão de intentarem novos descobrimentos, e a uma grande extensão da costa septemtrional, onde aportaram, denominaram Carpentaria em honra de C. Carpenter, n'essa época governador geral das Indias hollandezas. Em 1624 Peter Nuyts percorreu uma porção das margens do golpho central, e á terra que descobriu deu o seu nome. Em 1636 o governador Van-Diemen enviou uma nova expedição, que deu em resultado a descoberta da terra que por isso se chama de Van-Diemen. Nos ultimos annos do governo d'este illustrado hollandez, o celebre navegador Abel Tasman descobriu novos territorios a que tambem se não esqueceu de dar o seu nome. Ah! como os nossos piedosos chronistas se indignariam com o orgulho d'estes hereges, que não tinham, como os descobridores portuguezes, a modestia de baptizarem as terras que encontravam com os nomes da religião, e de fazerem dos mappas geographicos uns verdadeiros calendarios!

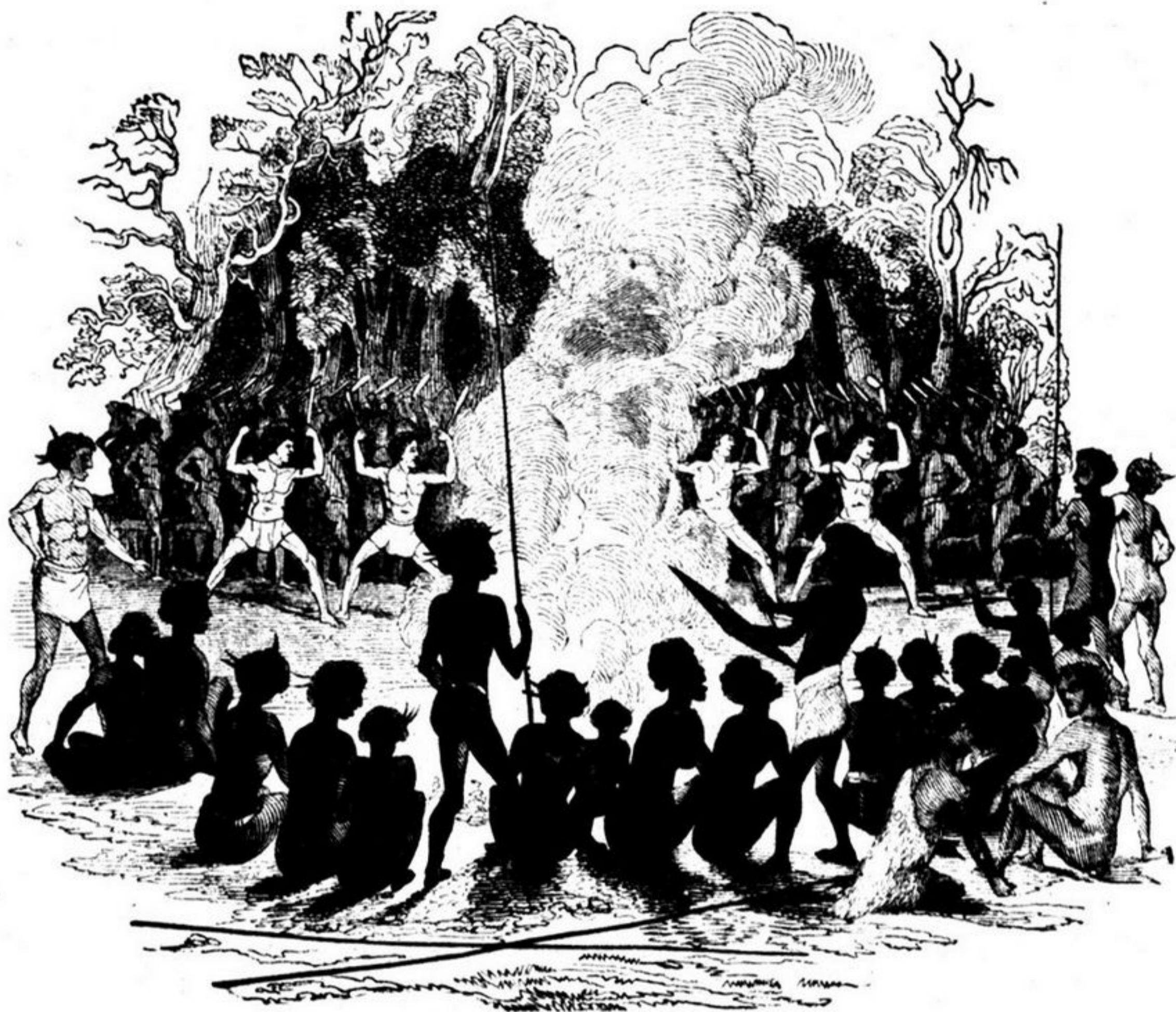
Vão entrar em scena os novos dominadores dos mares, e nomes inglezes vão principiar a figurar na lista dos grandes navegadores. Ainda em 1696 o hollandez Vlaming, e em 1699 o francez Dampier se assignalam por novos descobrimentos; mas em 1770 as quilhas dos navios de Cook sulcam as vagas do Oceano austral, e esse vasto continente surge da obscuridade, d'onde o não tinham podido arrancar até ahi as ligeiras informações dadas pelos primeiros descobridores. N'esse anno aportou elle a Botany-Bay e deu á costa meridional o nome de Nova-Galles do sul. Immediatamente se revelam os instinctos essencialmente colonisadores do povo que entra na liça abandonada por nós e pelos Hollandezes. Em 1788 o governador Philipp funda a colonia de Sydney. As explorações do interior succedem ás explorações maritimas, mas logo se

volta ao estudo mais apurado das costas, e n'essas novas investigações distinguem-se os navegadores Flinders, Grant, e Bass. Depois succedehes em 1801 o francez Boudin, e finalmente os inglezes King de 1817 a 1822, e Stokes de 1837 a 1843 levam ao seu auge esses trabalhos de exploração.

Começou então uma nova era para a colonia; escolhida primeiramente para residencia dos degradados, a Australia revelou aos que lhe explo-

raram o interior um territorio tão vasto, tão salubre, tão fertil que a emigração voluntaria acudio a esses novos territorios, e começou a arrotcal-os, e a desenvolver ahi a criação dos gados, para que eram eminentemente proprios pela riqueza e vastidão das suas pastagens.

Do territorio da Inglaterra saem todos os annos milhares de navios conduzindo emigrados que a miseria expulsa da mãi-patria. Esses emigrados correram quasi todos para a Australia,



Aborígenes da Australia.

assim que se lhes abriu esse novo campo á sua actividade. É facil de perceber com que difficuldades teve de lutar o governo da colonia, vendo-se a braços com esses dois grandes elementos de dissolução, o crime exacerbado, e a miseria avida. Os inglezes são, mais do que nenhuns outros, proprios para sustentarem uma lucta. A ordem estabeleceu-se a ponto de se poder seguir ali o systema dos parlamentos coloniaes adoptado em toda a parte pela Inglaterra. A descoberta das minas de ouro conduzio uma nova torrente de emigrados, e uma nova causa de dissolução. Veio a raça dos aventureiros. Finalmente os acontecimentos politicos de 1848 arremessaram para ali a massa dos refugiados politicos francezes, allemães, e italianos. Estes eram os agitadores.

Pois d'estes elementos heterogeneos conseguiram as instituições inglezas, e a habil energia dos seus funcionarios formar uma raça forte, civilisadora e trabalhadora, que tem elevado a Australia a um ponto inaudito de prosperidade,

que tem aproveitado as inexauriveis fontes de riqueza do seu solo, e que tem desenvolvido as explorações scientificas d'esse territorio virgem. E entretanto o que é feito dos indigenas? Assustados como sempre por esta actividade febril das raças europeas, offuscados pelo fulgor da civilisação temido cedendo o passo aos conquistadores, tem-se ido estiolando, definhando, e concentrando nos sitios, que lhes parecem mais inacessiveis, da sua patria. Fazer-lhes comprehender o beneficio do trabalho é completamente impossivel. Cada vez mais selvagens, não mostram ser susceptiveis de civilisação, como o tem sido os habitantes da Polynesia. Não-se retraíndo sempre, sempre diante dos inglezes que, devemos confessal-o, não os tratam com a brandura, que os poderia captivar. Os pobres selvagens são caçados, como bestas feras, e conduzidos depois para a ilha de Bass, onde tentam *civilisal-os* n'uma especie de colonia penitenciaria. Esta philantropia violenta não dá, como se póde supôr, bons resultados. Os indigenas esquivam-se

aos seus *bemfeitores*, e voltam para as suas florestas, por onde vagueiam tristes e desanimados, e cada vez comprehendendo menos as vantagens da civilização.

Os aborígenes da Australia dividem-se como todos os habitantes da Oceania em dois grupos, o dos negros, raça abjecta que só differe da raça africana na conformação do cráneo, e a dos malaios polynesios, raça dominante, que impera principalmente na parte occidental, e que é a unica que tem opposto alguma resistencia aos colonos europeus. D'aqui a pouco infelizmente esta raça, que, como se tem visto nas ilhas Sandwich e de Taiti, é muito capaz de se civilizar, terá desaparecido, e a raça colonizadora européa terá inundado esse novo e vastissimo territorio.

UMA OBRA DO SECULO IX

De entre os curiosos monumentos litterarios que nos trazem á memoria os tempos antigos e os successos dos passados heroes, escolhemos para apresentar aos nossos leitores o muito apreciado *Chronicon* intitulado *Albeldense*, escripto no seculo IX, porque foi o primeiro que appareceu em Hespanha depois da formação da monarchia christã de Asturias, e o que rasgou o denso véo que cobria a historia dos primeiros dias da gloriosa restauração nacional começada em Covadonga. O nome com que se distingue este notavel escripto, procede de ter-se encontrado inserto em um velhissimo codice do mosteiro de Albelda (1), que se conserva hoje na bibliotheca do Escorial. Dois são os auctores que n'ella tomaram parte: em quanto ao primeiro, embora uns designem um certo religioso chamado Romão, e outros o presbytero toledano Dulcideo, ignora-se o seu verdadeiro nome e só por suas palavras podemos colligir que escreveu nos estados de Affonso III, o Magno, e provavelmente em Oviedo, sendo, sem duvida, um dos laboriosos monges que n'aquelles tempos de sangrentas e continuadas guerras eram os unicos depositarios das artes e das sciencias. O segundo auctor, um seculo depois, que copiou o *Chronicon* e lhe addicionou os factos mais importantes occorridos até o seu tempo, é conhecido: chamava-se Vijilo, e era monge do mosteiro de Albelda. Além da simplicidade e clareza que costumam reinar nos escriptos d'aquelles tempos remotos, são muito de notar no *Chronicon Albeldense* as curiosas noticias geographicas e historicas que nos apresenta como exordio. Em quanto ao latim em que está redigido, é como o de todos os documentos da época: grosseiro, corrompido, desalinhado. Caunedo, escriptor hespanhol, procurou fazer uma traducção a mais litteral possivel, conservando os nomes proprios antiquados e barbaros de que usa o chronista para não roubar a originalidade a este interessante trabalho historico.

CHRONICON ALBELDENSE

Descripção de todo o mundo

I — Todo o mundo está descripto, desde o tempo de Julio Cesar, por varões sapientissimos, como

(1) Sancho-Alarea, rei de Navarra fundou-o e dotou-o em 923 na villa do mesmo nome, a duas leguas de Logroño. Hoje existe convertido em collegiada, e sob a sua antiga invocação de S. Martinho.

Nicodoso, Didimito, Teodoto e Policlito. Empre-garam para medir o Oriente XXI annos, II mezes e VIII dias; o Occidente XXVI annos, III mezes e XVII dias; o Septemtrião XXIX annos, II mezes e III dias, e o Meio Dia XXII annos, I mez e XXX dias.

II — O Oriente tem VIII Mares, VIII Ilhas, VII Montes, VII Provincias, LXXV Cidades, XVII Rios, e XL Nações. O Occidente consta de VIII Mares, XIX Ilhas, XV Montes, XXVII Provincias, LXXV Cidades, XVI Rios e XXV Nações. No Septemtrião ha XII Mares, XXV Ilhas, XIII Montes, LVIII Cidades, XVIII Rios, XXIX Nações e XVII Provincias. No meio dia contam-se II Mares, XVII Ilhas, VI Montes, XIII Provincias, LXII Cidades, VI Rios e XXIV Nações. No tempo de Julio Augusto contavam-se em todo o mundo XXX Mares, LXIX Ilhas, XLI Montes, LXIV Provincias, CCLXX Cidades, LVII Rios e CXXIII Nações.

Descripção de Spania

III — Primeiramente por Ibero se chamou Iberia; depois por Ispalo, Spania. Tambem se diz Hesperia pela estrella Occidental denominada Espero. A sua situação é entre a Africa e a Gallia: Ao Septemtrião estão os Montes Pyreneos, e por todos os outros lados está rodeada de Mares. É fecunda em todo o genero de frutos e riquissima de toda a sorte de metaes e pedras preciosas. Tem VI Provincias com Sédes Episcopaes. Os Rios de Spania IV. O Betis corre CCCCX milhas, o Tagus corre DCII, o Minius CCCXIII e o Iberus CCCIV.

As sete maravilhas do mundo

IV — I o Capitolio de Roma. II o Farol de Alexandria. III o Belerophonte de Esmirna. IV o Theatro de Heraclio. V o Colosso de Rhodes. VI o Templo Quicio. VII Tetrapulum-Emetis ou a Igreja de Santa Sophia em Constantinopla.

Propriedades das nações

V — I Dos Gregos a sabedoria. II dos Godos a força. III dos Chaldeos o conselho. IV Dos Romanos a soberba. V Dos Francos a fereza. VI Dos Bretões a ira. VII Dos Escocozes a sensualidade. VIII dos Saxonios a dureza. IX dos Persas a cobiça. X dos Judeos a inveja. XI Dos Ethiopes a paz. XII dos Gallos o commercio.

Cousas celebres de Spania

VI — Trigo floreal de Narbona.—Vinho de Vilarz.—Figos de Beatia.—Trigo dos Campos Godos.—Machos de Hispali.—Cavallos de Terra de Mouros, —Ostras de Mancarso.—Lampreas de Tantiber.—Lanças da Gallia.—Escandea de Asturias.—Mel de Galicia.—Disciplina e sciencia de Toledo.—Estas eram as cousas principaes no tempo dos Godos.

Das letras

VII — As letras A, E, I, O, U, chamam-se vogaes porque se emittem sem violencia e fermam a voz por um impulso natural da garganta.

São semi-vogaes F, N, L, M, S, R, porque commecam com o E vogal e produzem um som suave.

As letras B, C, D, T, P, Q, G, são mudas, porque não se podem pronunciar sem o auxilio das vogaes.

(Continua)

JOHN HARRISON

Da descoberta das longitudes no mar

Antes da invenção dos chronometros, os navegadores podiam facilmente, por meio da bussola, dirigir-se para o norte ou para o meio dia, para leste ou para oeste; mas estavam na impossibilidade de conhecer, de uma maneira precisa, as distancias que tinham percorrido, o que os expunha a graves incidentes ou a perdas de tempo, prejudiciaes tanto aos homens como ás mercadorias.

Philippe III, rei de Hespanha, convencido da importancia das longitudes no mar, prometeu uma recompensa de cem mil escudos a quem fizesse a descoberta. Os Estados da Hollanda imitaram breve o exemplo d'este principe, e propozeram um preço de trinta mil florins para este objecto.

Os inglezes, tornados no principio do seculo XVIII os primeiros navegadores, deviam naturalmente preoccupar-se da sciencia das longitudes; assim, a 30 de junho de 1714, o parlamento nomeou uma comissão para o exame d'esta grave questão. Newton, Clarke e Wisthon assistiram a ella. Newton apresentou uma memoria na qual expoz differentes methodos proprios para se achar a longitude no mar, bem como as difficuldades de cada um. Para honra da relojoaria, o primeiro meio proposto pelo maior homem que tem apparecido na carreira das sciencias foi o da medida exacta do tempo. Muitas conferencias tiveram lugar entre os commissarios, e, por seu parecer, foi apresentada uma proposta ás communas, pela qual a rainha Anna promettia vinte mil libras sterlinas a quem satisfizesse ás condições do programma. Esta proposta foi unanimemente approvada; e, a contar d'este momento, um grande numero de sabios de todas as nações europeas pozeram mãos á obra, com a esperança de obterem bom exito.

O relojoeiro Sully, que vivia sob a poderosa protecção do regente, foi o primeiro em França que, entrando atrevidamente na liça, tornou-se notavel pela invenção de um relógio cujo andamento pareceu muito regular; mas, desgraçadamente, este relógio tinha defeitos: desorganizou-se, e o artista não foi ao concurso.

N'esta época, Londres possuia muitos relojoeiros de fama; taes como Barlon, Ellicoot, Graham, Thomaz Mudge, etc.: todos fizeram tentativas, que não produziram o resultado que esperavam; mas tiveram por effeito enriquecer a relojoaria de muitas invenções uteis,

A honra da descoberta da longitude no mar, estava reservada para John Harrison, de cujos trabalhos nos vamos occupar: mas convém primeiro dizer algumas palavras sobre a maneira como se opera, depois da invenção dos chronometros, para achar a longitude a bordo dos navios.

É sabido que, partindo um navio do equador, e dirigindo-se constante e directamente para o norte ou para o meio dia, nunca muda de meridiano, e que em todos os lugares em que se ache tem o meio dia no mesmo instante. Não acontece, porém, o mesmo dirigindo-se para o occidente ou para a oriente, porque então muda a todo momento de longitude ou de meridiano, e em

tal caso seria impossivel apreciar as distancias se faltasse, como outr'ora, um relógio maritimo.

Hoje, verificada a hora do lugar em que se navega tomando a altura do sol ou d'uma estrella com o auxilio do sextante, que dá a latitude, basta, para ter a longitude, conhecer exactamente as horas que são no ponto d'onde se partio. Supponhamos que este lugar é Lisboa e que o navio se dirige para a Martinica: estar-se-ha á vista d'este ponto de mar quando, marcando o chronometro 3 horas e 28 minutos da tarde, não for mais de meio dia no lugar da observação; porque ter-se-ha percorrido um arco de 53° 15' para o occidente, o que dará a longitude, se o chronometro não tiver variado; é este o ponto capital.

John Harrison, cujo nome anda ligado a esta bella descoberta, nasceu em Barrow, cantão de Lincoln, em 1694. Exerceu a profissão de marceneiro até á idade de dezoito annos; mas já havia notado em si um gosto muito pronunciado para a mechanica, e os biographos inglezes assecuram que, na idade de dezeseis annos, sem mestre e sem o soccorro de livro algum, construiu um relógio de madeira de um trabalho admiravel.

Aos vinte annos, tendo a consciencia das suas felizes disposições para a relojoaria, Harrison dirigio-se a Londres para ahi exercer a sua nova profissão e adquirir, pelo estudo e frequentação dos melhores artistas, os conhecimentos de que carecia. Em 1726, já tinha nome em Londres pela excellencia da sua mão d'obra, e principalmente pela sua magnifica descoberta da pendula de compensação, de que ainda hoje se faz uso.

Foi em consequencia d'estes successos varios, que Harrison empreheudeu a construcção de um relógio proprio para achar a longitude no mar. Trabalhou durante muitos annos com uma coragem e uma perseverança inexcediveis; e acreditou que havia conseguido os seus fins, porque o seu relógio tendo sido submettido á approvação da Sociedade real de Londres, em 1749, Folkes, presidente d'esta sociedade, agraciou-o com a medalha de ouro que a illustre companhia conferia publicamente todos os annos a quem houvesse feito a descoberta mais curiosa e mais util nas artes industriaes.

Harrison julgou, comtudo, que o seu relógio era susceptivel de aperfeição; quiz sobretudo diminuil-o de volume; em pouco, depois de ter executado successivamente quatro relógios, e havendo dado a preferencia ao terceiro, o qual apenas occupava um pé quadrado com todos os seus accessorios, julgou dever dirigir-se á comissão das longitudes, que, depois de diversas detenções, consentio que a prova do relógio fosse feita conforme o acto do parlamento. Harrison filho foi designado, a pedido de seu pai, para fazer a viagem á Jamaica. Escolheu-se este destino porque, para ali chegar, a machina tinha de passar por temperaturas mui differentes.

O relógio foi embarcado no navio *Deptford*, que partio de Portsmouth em 18 de novembro de 1761. Os promenores da viagem são muito interessantes. Dezoito dias depois da saida, a 6 de dezembro do mesmo anno, os pilotos do navio julgavam-se a 13° 50' de longitude leste de Portsmouth, em quanto que a machina dava 15° 19'; uma differença de grão e meio; de sorte que já condemnavam o relógio como inutil e mau. Mas

Harisson affirmando que se a ilha de Portland estava bem marcada na carta, no dia seguinte tel-a-hiam á vista, o capitão teimou em não mudar de rumo; e, com effeito, no dia seguinte, ás 7 horas da manhã descobrio-se esta ilha, o que restabeleceu Harisson e o seu instrumento na estima de toda a equipagem do *Deptford*, que, sem a exactidão do relógio, não abordara á ilha de Portland, e assim, durante toda a viagem ter-lhe-ia faltado os refrescos de que necessitava.

O reconhecimento da Desirada, uma das Antilhas, foi para Harisson um novo triumpho; por que, por meio do seu relógio, annunciou esta ilha, assim como todas as que se encontram até á Jamaica. O navio chegou, finalmente, a Porto-Real.

A volta de Harisson a Portsmouth não foi menos favoravel para o seu instrumento. Logo que, obteve os certificados necessarios das verificações feitas na Jamaica, embarcou em um navio muito pequeno para a Europa e entrou em Portsmouth cento e sessenta e um dias depois da partida. Fizeram-se então as necessarias observações para verificar a hora que marcava o relógio depois de um intervallo de tempo tão consideravel, e achou-se que a tinha conservado a 4' 5" aproximadamente, o que dá um pequeno erro de 18 milhas inglezas ou menos de um terço de grau, na viagem de ida e volta. Não deixaram contudo os homens da commissão de levantarem algumas difficuldades tendentes a enfraquecer as vantagens do relógio. Harisson respondeu a estas difficuldades de uma maneira satisfatoria; mas a commissão arrastada pelas suggestões do artista, ou com o fim de melhor-verify a descoberta, declarou que a primeira viagem não era sufficiente e exigio uma segunda mais decisiva. Harisson annuo a esta pretensão; desejando, porém, mudar algumas peças, pediu uma espera de quatro a cinco mezes, que lhe foi concedida. A commissão, n'esse momento, deu-lhe por conta a somma de duas mil quatrocentas e sessenta libras sterlingas promettendo-lhe o resto da recompensa se a segunda viagem tivesse um successo completo.

Harisson filio partio, pois, segunda vez para a America, em 28 de março de 1764: o termo da sua viagem foi a Barbada, aonde chegou em 13 de maio; a 18 de setembro do mesmo anno chegava de volta a Inglaterra. Fornecido dos documentos que justificavam o bom resultado, apresentou-se aos commissarios, que reconheceram unanimemente que tinha determinado a longitude da Barbada, mesmo nos limites prescriptos pelo acto da rainha Anna para a recompensa inteira.

Recebeu então cinco mil libras sterlingas; o resto devia ser-lhe pago quando elle ensinasse a construcção do seu relógio e pozesse os artistas ao alcance de os fabricarem. Harisson satisfiz igualmente a estas condições; mas fallava-se ainda, antes de ser pago completamente, em impôr-se-lhe outras novas: o artista reclamou, os commissarios não insistiram. Harisson, recebeu, finalmente, a totalidade da recompensa prometida: tinha então setenta e cinco annos. Quatro annos mais tarde escreveu os principios do seu relógio em uma memoria que produziu em Londres profunda sensação.

Este grande artista, de que se honra ainda hoje

a Inglaterra, morreu em 1776, tendo oitenta e dous annos de idade.

REPOUSO

Quis dabit mihi pennas sicut columbæ? Volo
labo et requiescam.

DAVID.

Já não canto; minh'alma abatida
Vae perdendo a alegria passada,
Em vão sonho, ao romper da alvorada,
Inspirar-me do antigo fervor;
Em vão sonho; que um dia d'inverno,
Por mais luz de que inflamme o horisonte,
Não dissipa os regêlos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor.

Que me serve lembrar o passado,
De venturas tão rico e tão cheio,
Se a saudade que enluta meu seio
Tristemente me obriga a scismar?
Quando o ninho em que alegre vivemos
Vae nas ondas á toa levado,
O que fica na praia exulado
Como pôde aos seus cantos tornar?

Como pôde sorrir ás delicias
De uma vida, que fuge, tão bella,
Quando ao perto vem negra a procella,
É lhe ruge o tremendo escarcéo?
Ai, quem ha de ensinar-lhe de novo
O seu canto das noutes formosas,
Se não sente a fragrancia das rosas,
Se não brilha uma estrella no céu?

Ser poeta, cantar em delirios
De prazer ou de magoa insoffrida,
Divagar pelos campos da vida
Inundando-a de vago esplendor,
Abrasar-se por tudo e por todos,
Levantar sobre as turbas a fronte,
É ter fé no que esconde o horisonte,
É ter crença, ter sonhos d'amor.

É sentir dentro d'alma os presagios
D'essa gloria que accende e que inspira,
Distinguir nos accordes da lyra
Uma voz que do empyreo desceu,
Entender-lhe o murmúrio das fallas,
Escutar-lhe entre notas supremas:
—«Vem comigo, não pares, não temas,
Que o futuro, que a gloria sou eu!»

—«Ergue o vôo, que um raio celeste
Ha de em breve mostrar-te o caminho;
Se adormeces no florido ninho
Ai, da vida sonhada por ti!
Ergue o vôo, desprende-te e sobe
D'essa treva em que vives prostrado;
Vem comigo, que um mundo encantado
Suspirando te aguarda e sorri!»

E eu não creio; que est'alma abatida
Já perdeu a alegria passada;
De saudades agora rallada
Nem sequer me palpita de amor.
É que o sol quando aponta no inverno,
Por mais luz de que inflamme o horisonte,
Não dissipa os regelos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor!

E. A. VIDAL.

Degneres animos timor arguit. VIRG.
O temor trae os corações pusillanimes.